

MÁRIO
CLÁUDIO

Memórias Secretas



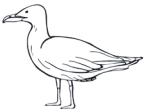
Mário Cláudio

MEMÓRIAS SECRETAS

Romance



Corto



Introdução

Ao entrar em Veneza, quer de carro, procedente da Maremma, e na implausibilidade de que a Rainha do Adriático se entronizasse ao termo da minha rota, quer de avião, e aterrando numa tira herbácea sobre a laguna, incapaz de divisar a urbe do meu destino, quer de comboio, e aí sim, descendo triunfalmente da gare ao Gran Canale, em nenhuma destas situações colheria eu a antecipação desse naufrágio suspenso, de mármores e oiros, de veludos e mosaicos, de espelhos e cristais, de luzes e revérberos. Surgiriam em vez disso os fantasmas que me tomavam pela mão, e me conduziam até à barcaça antiturística que se insinuava pelos angustiosos veios de água, ladeados por muros altíssimos, e cobertos de heras e silvas a que se prendiam farrapos de sucessivas épocas, pedaços de trastes de madeira, ferrugentos utensílios de cozinha, ou o vulto imaginário de um enforcado.

Presentes em tal plataforma do pesadelo, deparava eu com os que mais me tinham arrastado até lá, Casanova saltando da masmorra para uma coluna, e depois para um telhado, Scarlatti vogando de rosto velado por tules vermelhos, cautério para a sua incurável antropofobia, quem poderá garantir que não resultante da obsessão cultivada pelas ninfetas órfãs, e cantoras de um coro de querubins?, Byron atravessando a nado as linhas lodosas entre o Palazzo Mocenigo e o Palazzo Gritti, a fim de evitar expor ao olhar dos curiosos o seu humilhante pé boto, ou George Sand, abandonando no quarto do Danieli o seu Alfred de Musset a contas com a tísica, no intuito de se agarrar nos corredores do hotel ao mediterrânico



doutor Pagello, facultativo que acorria a toda a hora com o pretexto de vigiar a evolução da doença do amante lânguido.

Não duvido de que Corto Maltese bem gostasse de escrever estas linhas, se fosse o que jamais seria, um homem com o talento de as grafar. E por certo que acrescentaria ele ao rol dos venezianos de adopção uns quantos ilustres como John Ruskin, o impassível esteta vitoriano, Frederick Rolfe, Barão Corvo, o genial troca-tintas decadente, ou Ernest Hemingway, o romancista com quem Corto acabaria por se cruzar na Sereníssima República dos Doges.

Mas de facto, aquando da minha primeira visita à Cidade no longínquo ano de 1962, Corto Maltese não existia ainda, isto porque tão-só em 1967 sairia ele da cabeça, e da pena, de Hugo Pratt, o seu criador. A dar-se a circunstância de se achar já no meio de nós, não falharia eu de o perseguir, jovem maníaco como por então me reconhecia, vendo-o a emergir de uma noite de amor vadio com uma bela prostituta loira, passada diante de um público de gatos amochados numa mansarda do bairro de Dorsoduro. Na sobreca-saca saturada de bruma matinal, e fumando devagar uma das suas cigarrilhas, Corto encaminhar-se-ia para o Zattere onde haveria de se demorar na contemplação do horizonte indeciso entre mar e nuvens, meditando em novas viagens, e em aventuras a empreender.

Remetido porém por via postal, o manuscrito destas iniciais Memórias Secretas chegar-me-ia com duas cartas apenas, traçadas a tinta azul, pelos princípios de uma tarde de Inverno. Tratava-se de um caderno vulgar, de capa de oleado negro, e preenchido a lápis em letra muito miúda, ostentando na página de rosto, e à laia de título, apenas o onomástico do seu autor, Corto Maltese. Quanto às missivas vinham ambas assinadas por um tal Obregon Carrenza, cujo nome figurava como origem do pacote que continha os três documentos. A primeira aparecia identificada pelo dito Carrenza, e numa nota redigida no canto superior direito, como «cópia da enviada a Hugo Pratt». Estava datada de «Viña del Mar (Chile),



16.6.1965», e eu não ignorava que fora publicada entretanto pelo mesmo Pratt como prefácio à sua Balada do Mar Salgado. A outra tinha-me como destinatário, e logo me irritaria por exarar «*Claudio*» sem o respectivo acento.

Na epístola trasladada, e com o propósito de me enquadrar, Obregon Carrenza informava Hugo Pratt de vários sucessos, atinentes à vida do herói que redigiria as memórias. Referia-se depois a Pandora Groovesnore, prima de seu pai, e transcrevia um bilhete daquela, no qual além de participar a morte de Tarao, o companheiro de Corto, contava que este tinha por costume sentar-se «sozinho, no jardim, com o olhar apagado, frente ao mar». A peça de correspondência que me explicava a razão da escolha da minha pessoa como donatário de tudo isto, essa constava do seguinte.

«Caro Signor Claudio,

Qualcuno mi ha parlato – già non ricordo chi e quando – della sua predisposizione per la scrittura biografica di qualunque tipo, e della sua passione per il fumetto come genere letterario.

Le faccio dono di questi miei due documenti, autorizzandola a farne quel che ritiene opportuno.

La saluto cordialmente.

Obregon Carrenza

Viña del Mar, 20.5.86»¹

¹ «Caro Senhor Cláudio,

Alguém me falou – já não me lembro quem nem quando – da sua predisposição para a escrita biográfica de qualquer tipo, e da sua paixão pela banda desenhada como género literário.

Ofereço-lhe estes meus dois documentos, autorizando-o a fazer com eles o que julgar oportunamente.

Saudações cordiais.

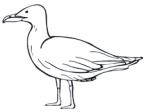
Obregon Carrenza

Viña del Mar, 20.5.86»



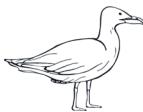
*

Traduzi do inglês original o manuscrito inacabado, rectifiquei alguns detalhes no tocante à cronologia, e abracei um estilo que, revelando-se porventura não muito diferente do meu, se me afigurava menos bárbaro, menos corsário, e menos afagado pela brisa marítima.



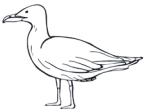
Vania, «La Niña de Gibraltar»

As rãs pintadas a que os zoólogos chamam *Discoglossus pictus pictus*, e que dizem autóctones de Malta, não paravam de coaxar no vale de Gashri. Os habitantes de Gozo ouviam esse canto de paixão na noite de Junho, e estiravam-se nos terraços, subjugados por uma preguiça que confinava com o cio e o pânico. Amparada nos almofadões que minha avó bordara, e que exibiam pássaros azuis, girassóis e borboletas, Vania Pinto, a quem alcunhavam de «La Niña de Gibraltar», não parecia ralar-se demasiadamente com o parto tardio, e que era o primeiro, e que seria o último, com que a natureza a brindara. Aos trinta e um anos conservava as pernas tão esbeltas como aos vinte e três, delgadas nos tornozelos, boleadas até aos joelhos, que na ocasião mantinha dobrados e afastados para se despachar do que carregava no ventre, e espraiadas nas coxas macias, nem grossas, nem finas. Sem pôr a vista em fêmea durante quatro ou cinco meses, a não ser de longe a longe nas golfinhas que se garante haverem inspirado a imagem das sereias, os embarca-dícos que aportavam à Valeta logo inquiriam do paradeiro de Vania, não porque sustentassem a menor esperança de se acostarem com ela, reservada como estava para as altas patentes, mas porque uma beldade assim os tranquilizava na certeza da eternidade da mulher. Em volta da cama da parturiente duas velhotas tinham colocado já as bacias de água morna, e quando Vania pediu alguma coisa que a dessedentasse, trouxeram-lhe um copo de limonada com muito açúcar, e enxugaram-lhe com um lenço encardido o suor que começara a perlar-lhe a testa.

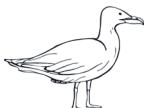


A mais curvada, enxotando com maus modos as rapariguinhas que ali se postavam, curiosas de descobrir como se processavam os factos da vida, deitou-se então a espreitar para os dentros da fonte das gerações, coroada por cabelinhos acobreados que entusiasmavam os clientes mais idosos, e mais atreitos portanto aos vagares da contemplação. «Sinto que vai sair», declarou Vania sem manifestar qualquer sofrimento, e no tom com que costumava anunciar às companheiras, «Atracou *La Fénix d'Or*, o *Revenge* zarpou esta manhã, consta que naufragou *La Hispaniola* nos recifes do cabo Horn.» E o menino desceu a este mundo, tão pequenino que a que o parira desistiu de imediato de lhe dar o nome com que sonhara, «Napoleão Bonaparte», optando em vez dele, e com uns fumos de bom humor, por «Corto» sem nada mais. Devota fiel da Santa Maria Madalena que se venera na capela das falésias de Ding, dirigiu o olhar para a estampa da mesma, entalada no caixilho de um espelhinho, e alumiaida por uma lamparina, sobre o tampo de mármore da mesinha-de-cabeceira, e rezou com bastante rapidez, «Ó santa gloriosa, santa amada e amante de Jesus Cristo, prostrada a vossos pés, suplico-vos que me alcanceis a graça de chorar os meus pecados, e a fim de poder elevar-me a Jesus Cristo, rogai-lhe que me toque como a vós, e que trespassse de tal forma o meu coração com a seta do amor que eu não descanse, senão no seu piedoso e amabilíssimo coração.» Lavada e perfumada, tomou-me nos braços, fechou as pernas, esticou-as ao longo dos lençóis frescos, e adormeceu com este que vos fala, achegado ao seio.

Cento e vinte e três anos, dois meses, e quatro dias, antes do feliz sucesso que acima deixei relatado, e quando assistia à missa de Domingo de Ramos na Igreja de São João na Valeta, Frei Manuel Pinto da Fonseca, português de alta estirpe, nascido em Lamego, e Grão-Mestre da Soberana Ordem de Malta, foi acolhido por um delíquio no momento em que se cantava o *Agnus Dei*. Resvalou do cadeirão que ocupava, e logo os que o enquadravam, cavaleiros e dignitários da Ordem, se precipitaram em



seu socorro. Os restantes fiéis, esticando o pescoço para se certificarem do que acontecia, aperceberam-se de que os que levantavam o Grão-Mestre franziam notoriamente o nariz em sinal de nojo, ou de mau cheiro. Sua Alteza sofrera em simultâneo uma crise de espantosa diarreia que, descendo até aos sapatos de grande fivela, lhe conspurcava as meias negras, e inclusive o manto de veludo da mesma cor, indumentária através da qual impunha a seus súbditos temerosa reverência, idêntica à que se vota ao Maligno. Os doze soldados que cumpriam a missão de afastar dele a populaça agitaram-se num tinido de couraças e alabardas, inúteis na circunstância, e dois pajens correram ao exterior do templo em busca dos meios de evacuação do enfermo. E aqueles que o ajudavam deitaram-no numa padiola com muitos cuidados, acrescidos pela compreensível preocupação de não se sujarem com a soltura do augusto amo, e os referidos pajens largaram em corrida, transportando-o até ao Palácio Magisterial onde o aguardavam os médicos que costumavam servi-lo. Vindo a si uma semana depois, o Grão-Mestre Pinto deu conta de que uma mão sólida, e algo áspera, tomara a sua mão, débil e descarnada, de octogenário, e alcando o olhar, avistou um rosto de moça saudável, sorrindo-lhe com tanto de carinho como de determinação. Convocada para se encarregar da higiene subsequente aos desarranjos intestinais do velho, contínuos e pouco espaçados, Severiana iniciava a sua crónica maravilhosa de tutela do Grão-Mestre, alcandorando-se assim, e por direito próprio, à posição dominante do mais de um milhar de pessoas que formavam a sua Corte. Natural de Málaga, e ajustada após várias peripécias para criada particular da consorte do comandante de uma escuna inglesa, senhora neuroticamente enciumada, e que se obstinava em acompanhar o marido em todas as viagens, não fosse confirmar ele a tradição que atribuía aos marujos «um amor em cada porto», Severiana não se sentira confortável em tais funções, terminando por desembarcar na Valeta, e por procurar aí o ganha-pão que se lhe deparasse. Uma vez confiado o Grão-Mestre ao seu desvelo,



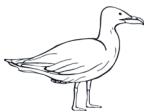
tratou imediatamente de o pôr o melhor possível, ordenando uma dieta tabelada pela expressão italiana «mangiare in bianco», na qual se incluía o macarrão de Nápoles, perfunctoriamente cozido, o leite das vacas insulares, bebido fresco e amiúde, e muito excepcionalmente os bocconetti de pasta de amêndoas, mas sem qualquer adição de ovo, que as freiras do Mosteiro de Santa Catarina, de Palermo, enviavam com pontualidade para delícia do doente. Cinco semanas decorridas sobre o infasto episódio de Domingo de Ramos, o Grão-Mestre passeava já nas áleas dos jardins do Palácio, se bem que amparado pela rapariagaça que se tornaria minha bisavó, e a quem os malteses haviam entretanto aplicado o caricatural cognome de «La Maestrina».

Pelos meados do estio três varões afloravam como suspeitos da gravidez de Severiana, uma gestação que avançava de vento em popa, qual escuna impelida pelo siroco. Eram eles o neto do senescal da Corte, um pateta que aos quarenta anos ainda tentava caçar à fisga os estorninhos, um escudeiro que se insinuara nas boas graças da Maestrina, pretextando a necessidade de que ela lhe curasse um furúnculo no pescoço, e um menino de coro, chegado já à puberdade, mas que disfarçava a voz de rapazote, temeroso de que o recambiassem para casa de seus pobres pais. Não passava pela cabeça de quem quer que fosse, e fazendo as contas, que o Grão-Mestre produzisse um derradeiro testemunho da sua virilidade, e ainda para mais combalido como se achava, em consequência do insulto que o colhera em Domingo de Ramos. De todo o modo, e dando mostras de arreganho corajoso, marca das mulheres do seu sangue, Severiana deambulava pelos corredores e pátios do Palácio enquanto Sua Alteza ia dormitando, de mandíbulas sem dentes escancaradas, e a prenhe parecia mesmo exibir o seu interessante estado, cada vez mais volumoso. Ao nascer a menina, uma criança robusta, e com um fio de dourada penugem ao longo da espinha dorsal, o que se diria prometer uma jovem voluntariosa, e afecta aos prazeres da carne, Manuel Pinto da Fonseca assumi-la-ia de imediato



como filha, e com autoridade que arredava a mínima desconfiança por parte dos maldizentes eternos. Baptizada de Maria de los Milagros, nome em que uns quantos liam o espanto do próprio Grão-Mestre perante a sua proeza, a pequena que viria a ser minha avó beberia o bastante da atmosfera cortesã para se sentir uma verdadeira princesa. Quando Pinto da Fonseca morreu, roçava a filhinha as oito primaveras, mas sem que se apercebesse dos efeitos que de tal sucesso decorreriam para a sua existência. O novo Grão-Mestre, Francisco Ximenes de Texada y Eslava, tomaria as rédeas do governo da Soberana Ordem com a fria determinação de corrigir os excessos e abusos, inseparáveis da opulência em que o seu antecessor persistira em viver. Logo após a eleição, e sem demoradas explicações, Severiana e Maria de los Milagros ver-se-iam banidas do Palácio Magisterial, e sairiam dele, mediante opção da primeira, por uma porta de serviço. Pretendiam assim poupar-se ao vexame que representariam os risos, as chufas, e os olhares de viés, do pessoal que antes lhes votara o respeito, e inclusive a ternura, com que os criados devem honrar os seus amos. Com elas partia também aquele escudeiro, o do furúnculo no pescoço, que se chamava Vincenzo, e se na sua fidelidade às duas se não detectava uma tácita confissão da paternidade da rapariguinha, denunciar-se-ia pelo menos o grande amor que continuava a nutrir pela mãe dela. Levaram Maria de los Milagros a Gozo onde a deixaram entregue a uma família com prole numerosa, a qual se comprometia a assegurar-lhe abrigo e comer, mas que a reduziria enfim à dimensão de uma gata borralheira, incumbida das mais sujas e penosas tarefas. E o casal formado por Severiana e Vincenzo fixar-se-ia na Valeta, e num casinhoto junto ao Cais da Barriera, no qual a destituída Maestrina, sempre hábil de mãos, se lançaria na costura desses complexos panejamentos de veludo, franjados a oiro, que abundavam no Palácio, e com que uma inteira freguesia de burguesas enriquecidas ansiava por engalanar as suas residências.

*

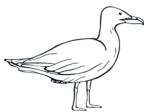


Perdido o chão marmóreo do Palácio Magisterial, Maria de los Milagros, minha avó, pondo em prática um punhado de estratagemas de bastidor, aprendidos na Corte do pai, encetaria pacientemente a construção do seu destino. Achegar-se-ia de forma gradual ao primogénito da tribo que a acolhera, e transformaria o seu rústico quotidiano num percurso minucioso de conquista do poder. Morto inexplicavelmente o casal, e os restantes meninos, a filha do Grão-Mestre Pinto acabaria maridada com o que fora aos poucos seduzindo, um rapaz bisonho, chamado Andrea Ruffo, e um pusilânime que só queria dormir, mas que trouxera consigo as escassas courelas que os seus haviam conseguido empochar. Determinada a não interromper a tradição do lado materno, Maria de los Milagros contentar-se-ia com parir uma menina única, essa Vania, sereníssima como a República de Veneza, e que como esta se afigurava emergida das águas, que haveria de se tornar minha mãe. Se Milagros não conseguira consumar a carreira de princesa que parecia achar-se-lhe reservada, juraria entretanto a si própria converter a sua Vania numa autêntica rainha. E quando a pequena atingiu os dezasseis anos, Maria de los Milagros manobraria de feição a colocá-la como odalisca exclusiva na casa do mais rico proprietário da ilha. Vania entraria por ali dentro numa sufocante tarde de Julho, de cabelos presos na nuca por uma argola de falso coral, e suspendendo dos dedos da mão os sapatinhos de missanga, iria pisando, descalça e com lentidão, as lajes frescas do cortile. Dava assim a entender que jamais levantaria sequer um alfinete que calhasse de lhe cair, e que, se não lhe proporcionassem o confortável ócio a que se julgava com direito, faria a trouxa de novo, e sairia em busca de melhor protector. Como vido até às lágrimas senis com a aparição da adolescente que em seu foro íntimo qualificara já de «um apetite», o ricaço apontou-lhe a cama de sedas e damascos, adossada à parede em que se pendurava uma panóplia de registos de santos e santas, e a circundar uma grande cruz com um Cristo em marfim. A recém-vinda estirou-se, satisfeita por ouvir o seu patrono declarar



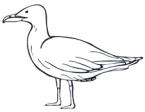
que poderia pedir ela o que mais desejasse, lagostas suadas, morangos com vermentino, ou até aquilo de que maior saudade sentia, o prato de massa com grão-de-bico que se cozinhava na lareira dos seus progenitores. E principiaria Vania a atravessar as compridas jornadas, ora esparramada em sestas intercadentes, ora dorida do tédio de todas as cortesãs. Apenas de quando em quando se lhe alterava o ramerrão, ao chegarem-lhe os folhetins que lia avidamente, expedidos da Valeta três semanas antes. Um dia porém, e ao acordar, decidiu que não aguentaria mais, e inventando a justificação de que sua avó Severiana precisava dela no atelier de reposteiros e passamanarias, abalou para a capital, largando o pobre do velhote, desolado e enraivecido, a estrebuchar de soluções sobre os lençóis ainda quentes da sua menininha. Estava pois lançada a sorte de minha mãe, e preparado aquele corpo maravilhoso, e quase intacto, para receber a semente de que eu brotaria.

Mas o negócio de sua avó Severiana, assessorada pelo escudeiro Vincenzo que lhe servia de *factotum*, não captaria durante longo tempo a atenção de Vania. Minha mãe assimilou o que lhe importava dos costumes da Corte Magisterial, a etiqueta da recepção dos embaixadores, o protocolo dos bailes de aniversário do Grão-Mestre, e os segredos de beleza que as mulheres dos dignitários zelosamente guardavam. Dentro em breve porém lançar-se-ia em labirínticas passeatas pelas docas, escondendo para tal efeito as noites de Lua Nova, e tornando-se por isso raramente visível. Cobria os ombros com um xailezinho estampado de rosas vermelhas sobre fundo negro, e caminhava com invulgar elegância, entremostrando cadenciadamente os delicados artelhos. Caprichava em seleccionar os seus clientes entre a marinagem, e apenas entre ela, privilegiando os oficiais superiores, e distinguindo os bonitos, e de boas maneiras, a cuja orelha murmurava, «*Pagas o que quiseres.*» Levava-os então para uma daquelas cavernas em que se mostra fértil a ilha, utilizadas como necrópoles por sucessivas gerações, e submetia-os a

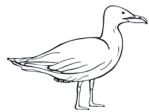


uma prova determinante. Oferecia-se-lhes de corpo e alma, mas jamais lhes proporcionando o gozo terminal, isto porque tinha como princípio assente que na capacidade de reter o sémen se testa em definitivo a mais alta virilidade. Semelhante prática, enfurecendo-os de início, fidelizava-lhe os parceiros, e a pontos de ambicionarem desembarcar na Valeta como Ulisses ansiava pelos braços de Penélope. Natural de Tintagel na Cornualha, pequeno povoado nos cimos de uma falésia onde se ergue como um dente cariado o Castelo em que viveu o Rei Artur, eis que o comandante de um navio de linha, baptizado de *Lancelot*, e procedente de Gibraltar, repararia nela. Era um homem que cumprira já na sua totalidade a vintena de anos, mantendo-se todavia garboso e ágil, e dotado de especial sentido de humor. Chamava-se John Prynne, e ao perguntar à ave nocturna, surgida ali entre guindastes e cabos, «Where do you come from?», receberia de Vania esta resposta com uns laivos de desplante, «Gibraltar, of course!», o que logo os implicaria numa cadeia de imparáveis gargalhadas. Desde essa altura conferir-lhe-ia ele a alcunha de «La Niña de Gibraltar», a qual não tardaria a difundir-se entre a habitual matulagem do lugar. Ouviu-se o toque de uma sineta de bordo, e uma ratazana atravessou a escuridão, indo refugiar-se debaixo de um bote apodrecido, e de quilha virada para o ar. E abalaram ambos, não em direcção às catacumbas da praxe, mas para o Hotel Imperial onde se aboletariam, John de cara levantada, e como quem se orgulha da sua conquista, Vania escondendo meio rosto sob a mascarilha de seda preta que alçava pela haste, e conforme ao que Severiana lhe explicara que faziam as palacianas mais discretas, da época do esplendor de mãe e filha sob a égide do Grão-Mestre Pinto.

Já no quarto, e fascinados um pelo outro, La Niña de Gibraltar, minha mãe, estipularia todo um regulamento sobre o que entre eles iria acontecer. O comandante do *Lancelot* ficava ciente de que à mínima transgressão da erótica idiossincrasia de Vania se veria expulso da intimidade desta, e sem qualquer



esperança de retoma do relacionamento. Apenas de quatro em quatro horas, marcadas por uma ampulhetta, o autorizava ela a que desfrutasse do seu corpo, e de cada vez só após haver efectuado complicadas abluções. Mas a regra de oiro do trato que entre ambos decorreria cifrava-se numa determinação de que Vania não abdicava, e segundo a qual a posse jamais se consumaria no orgasmo, vitalizando-se assim, e permanentemente, o desejo que os ligava, mediante a continuidade dos *coitus interrupti*, e na realidade «à sec». Louco de paixão, meu pai acederia a estas exigências, empenhando nisso a sua palavra de oficial da Armada de Sua Majestade Britânica, e conferindo à amante o integral direito de traçar o itinerário dos prazeres que lhes caberiam. Permaneceram na cama durante cinco dias, e cinco noites, estonteados de urgência, e não raro à beira do desfalecimento. Ordenando que lhes fizessem subir as refeições aos aposentos, dormiam intervaladamente num longo abraço, e num desassossego de sonhos que se lhes convertiam em milhares de aguilhões, a pungir-lhes o cio exasperado. Era como se um veleiro que tripulassem se imobilizasse, suspenso nas nuvens, no instante em que se preparava para fundear, e zarpasse de novo rumo a um continente de florestas virgens, e de rios que engrossavam de caudal, mas sem oceano onde alcançassem desaguar. Sairiam do Hotel Imperial, minha mãe fresca como nunca, e alçando como sempre a mascarilha que ocultava meia cara, meu pai abatido como um sentenciado à morte que houvesse penado infinitamente numa masmorra sem pão, e sem água. Vania despedir-se-ia do companheiro para regressar à casa da avó, e aí se internaria, cuidando do restauro de suas forças, aparentemente incólumes. Quanto a John arrastar-se-ia por um trimestre em demanda da fêmea que o conduzisse ao êxtase atingível, e que o salvasse de si mesmo. Enfermando por fim de um mal que se exprimia por um peso nas ilhargas, e que o impossibilitava de caminhar, obteria do Almirantado uma licença ilimitada. Libertou então das suas obrigações a equipagem do *Lancelot*, e atirou-se à procura da sua Niña de



Gibraltar. Cruzar-se-ia com ela, Setembro avançado, e no plenilúnio que coincide com as colheitas. E logo na primeira caverna que se lhes deparou, verteria meu pai no útero de minha mãe a semente que retivera, e eis que cresceria eu até descer a este mundo, conforme ao que acima descrevi, nove meses depois.